

DUAS LENDAS DOS INDIOS MAKUXI

EDSON SOARES DINIZ *

INTRODUÇÃO

Em março de 1964 tivemos oportunidade de assistir parte dos festejos em homenagem ao santo padroeiro da "vila" Surumu, povoado do Território Federal de Roraima, localizado à margem esquerda do Alto rio Surumu e que na época possuía uma população de 154 habitantes. A festa de São José reúne fazendeiros e vaqueiros, pessoas e até autoridades de Boa Vista, bem assim como elevado número de índios das circunvizinhanças, especificamente Makuxi e Wapitxána (1) que vivem em continuado contato com os regionais (2). Nessa ocasião, além de observações diretas e informações acérca do contato interétnico, colhemos as lendas ora reproduzidas. Nosso informante foi Avelino José Albertino, da maloca Tachi, um dos grupos locais Makuxi mais próximos da "vila", onde é pajé ou *piacã* (3). Avelino disse-nos, ao ser solicitado, que contaria a "história da sapa" e a "história do sol", porém preferia fazê-lo em seu próprio idioma, porque não sabia expressar-se bem na língua portuguesa. Militão, do mesmo aldeamento, encarregou-se de traduzi-las. Assim, após o narrador falar por etapas, o tradutor transmitia-nos as seqüências. Ao transcrevê-las, embora sem deturpar nem os fatos nem o sentido, demos a forma correta no vernáculo.

(*) Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.

(1) Essas duas tribos indígenas têm suas culturas e sociedades amplamente entrelaçadas. No que diz respeito às lendas, por exemplo, a do Sol, aqui narrada, é semelhante à do «Cururú Fêmea» obtida por D. Mauro Wirth entre os Wapitxána (cf. «Lendas dos Índios Vapídiana», in *Rev. do Museu Paulista*, nova série, vol. IV, 1950, pp. 165-216; pp. cit. 167-168. Igualmente, Wirth (op. cit.) refere as lendas intituladas «Os genros da Mucura» (pp. 205-208); «A Mucura, o Carapanã e o Pinicapau» (pp. 208-209); «A juriti Casa com a Filha da Mucura» (pp. 209-210) que são semelhantes àquelas relatadas por D. Alculin Meyer (cf. «Lendas Macuxis», in *Journal de La Société des Américanistes*, n.s., XL, 1951, pp. 67-87) sob a denominação geral de Sorte de um Sogro Invejoso (op. cit., pp. 69-79) e subdivididas em quatro: O Pombo «pádapáda» e o sogro invejoso; A lontra «tura-rá» e o sogro invejoso; O mosquito «carapanã» e o sogro invejoso; O Carrapato e o sogro invejoso.

(2) Regionalmente os Makuxi e Wapitxána recebem a designação de Caboco, corruptela da palavra caboco, em oposição ao termo Branco ou não índio (cf. Edson Soares Diniz, «O Perfil de Uma Situação Interétnica», *Boletim do Museu Paraense «Emílio Goeldi»*, série Antropologia, n.º 31, Belém, 1966).

(3) As palavras grifadas, no texto, são da língua nativa.

A SAPA

Camaiúá, (segundo o informante uma espécie de vespa), era marido de uma das duas filhas de Cobra Grande. Este muito observava seu genro e ao constatar que era trabalhador, pois caçava e tudo trazia para a casa do sogro (4), ofereceu-lhe como esposa sua filha mais nova (5). Por esse motivo duas onças, uma vermelha e outra pintada, ficaram enclumadas e resolveram matar *Camaiúá*. Fizeram flechas envenenadas com curare ou *urari*, próprias para sarabatana e foram esconder-se no caminho, onde o flecharam e mataram. Alguns dias depois, as duas onças foram à casa de Cobra Grande pedir em casamento as duas viúvas. Cobra Grande sabia que as onças haviam assassinado o marido de suas filhas e indagou-lhes: "o que vocês fizeram com meu genro?" As onças responderam que de nada sabiam e, fingindo pesar, perguntaram: "que rumo ele tomou?" O sogro indicou a direção e acrescentou que seu genro nunca deixou de regressar.

As duas irmãs comunicaram ao pai que as duas onças desejavam casar-se com elas e que não aceitavam, porque foram essas mesmas onças que mataram seu marido. Cobra Grande aconselhou-as que casassem, a fim de esquecer o falecido. Advertiu-as, porém, que verificassem se seus novos maridos eram bons caçadores como o fôra *Camaiúá*. Sabedores da desconfiança de seu sogro, as onças ficaram muito tristes.

As onças eram filhas da Sapa, *prénossomon*, a quem contaram que o sogro desconfiava que não fossem bons caçadores. A Sapa respondeu-lhes que nada caçavam porque não tinham puçanga. Esta se constituía de dois pauzinhos ligados por uma linha, o instrumento, *sundá*, usado para amarrar ponta de flecha, e mais o breu, *matiquin*, de encerar a linha. Então a Sapa, que havia engolido a puçanga dos filhos, lhes indagou: "vocês me darão caça se eu lhes devolver a puçanga?" E ao receber resposta afirmativa lhes entregou o precioso objeto. Logo depois as onças foram curar-se, tomaram banho e em seguida metiam o *sundá* no nariz, puxando-o pela boca. Terminada a cura, ficaram marupiara, isto é, afortunados. Na primeira caçada mataram um veado, porém deram à Sapa apenas a rabada e as canelas. A velha ficou decepcionada e logo que pôde apoderou-se da puçanga, engolindo-a novamente. Seus filhos em vão procuraram a puçanga, pois não podiam encontrá-la. Indagaram da Sapa onde estava, mas ela respondeu nada saber. Então as onças falaram com *Manairá*, cobra preta que vive nos galhos das árvores, para acochar a cintura da Sapa, até que vomitasse a puçanga, o que de fato ocorreu. As onças voltaram a ser marupiara. Mas os *piá*, gente antiga ou primeira gente, cheios de inveja armaram-se para matá-las, tendo as onças a mesma sorte de sua vítima, *Camaiúá*.

O SOL

Sempre que o Sol colocava no rio seu *morói*, tipo de armadilha de pesca feita de cipó, apanhava muito peixe. Mas, a partir de certo dia nada mais conseguiu. Intrigado com o acontecido, perguntava de si para si: "estará alguém roubando meu peixe?" Resolvendo verificar o que de fato ocorria, ficou de espreita até meia-noite e descobriu que o ladrão era o jacaré. Este ao ser agarrado pelo Sol, pediu-lhe que não o matasse. O Sol atendeu-o; porém cortou-lhe a língua e atirou-a no rio, dela se originando o peixe denominado cará ou *mazié*. Ao ouvir a ameaça do Sol de que o mataria se continuasse furtando seus peixes, o jacaré disse-lhe que daria sua filha em casamento se não o matasse. Feito o acordo, o jacaré convidou o Sol para ir à sua casa num domingo. Na véspera da visita combinada, o jacaré modelou sua filha em tabatinga. Mandou-a buscar água no Igarapé, ela obedeceu, mas ao pisar na água derreteram-se-lhe os pés. O

(4) Durante o período em que o genro mora com o sogro, pelo menos, deve agir em função da matrilocalidade.

(5) A poliginia sororal era corrente entre os Makuxí, hoje é quase inexistente.

jacaré resolveu fazer outra filha, mas precavido, trabalhou com cêra de abelha. Ao concluí-la mandou-a fazer o mesmo serviço que havia ordenado à outra. Ela foi, encheu a cabaça, *uái* mas, ao colocá-la na cabeça, o pêso fê-la achatar-se. O jacaré não se deu por vencido e tentou nova modelagem, desta vez em madeira da árvore samaumeira. Quando terminou esta terceira figura, ela transformou-se em gente. Seu pai mandou-a preparar caxiri de mandioca, *pracrí* e caxiri de milho, *aniêcu* (6).

No caminho para a casa do jacaré o Sol encontrou um filhote de *japilm*, *quinó-mucu*, levou-o consigo e o entregou ao futuro sogro. Esse disse à sua filha que criasse o xerimbado do Sol e mandou servir as bebidas que ela preparara. Após beberem, o jacaré disse ao Sol que a sua noiva aí estava e com ela podia casar. O Sol verificou que sua espôsa não tinha vulva. Numa ocasião em que ela estava com as pernas separadas atirou entre suas coxas a casca da banana que ela dava ao xerimbado, formando-se imediatamente o adequado órgão genital. Pouco tempo depois, a espôsa do Sol ficou grávida. Após permanecer dois meses na casa do sogro (7), o Sol regressou à sua. Antes, porém, avisou à sua consorte que iria na frente e só algum tempo depois ela iria encontrá-lo. Indicou-lhe o caminho a seguir não esquecendo de dizer que havia uma encruzilhada, a estrada da direita era chela de cerrado e a da esquerda era limpa. Deveria tomar a primeira, porque a segunda era "a estrada dos bichos". A mulher não seguiu a recomendação e foi pela estrada limpa, na qual encontrou a casa de uma velha que era avó (8) de duas onças. A velha indagou para onde se dirigia e ao saber para onde ia, a dona da casa informou que o caminho era outro, mas convidou-a para ficar e ela aceitou. A velha que era Sapa, pediu-lhe que catasse sua cabeça, mas advertiu-a: "não morde os piolhos do lado direito". A princípio a mulher do Sol obedeceu, mas ao tirar um piolho do lado esquerdo da cabeça da Sapa, não resistiu à tentação e mordeu-o, tendo morte instantânea. A Sapa escondeu-a, porém os seus netos quando chegaram da caçada descobriram o cadáver, dividiram-no e começaram a comê-lo. A avó pediu-lhes um pedaço, mas só lhe deram dois ovos que encontraram na barriga da mulher. A velha tentou cozinhá-los, mas a água não esquentava e os ovos chlavam. Quando calculou que estivessem cozidos, retirou-os do fogo, colocou-os em uma cuia e, em seguida, no pilão para moê-los. Ao serem pilados, os ovos começaram a cantar. Não conseguindo seu objetivo, a velha colocou-os numa cesta. Aí os filhos do Sol, *Andquê* e *Insquirã* alimentavam-se da paçoca de veado que a Sapa guardava em outra cesta próxima. Quando ela procurava sua comida, nada encontrava. Certa noite ouviu a conversa de dois meninos. No dia seguinte viu dois meninos sentados no chão e não sabia quem eram. Procurou os dois ovos e, então, descobriu tudo. Quando os netos da Sapa chegaram, ela pediu-lhes que não matassem seus dois filhinhos. As onças quiseram saber quem eram os meninos e a velha explicou-lhes.

Andquê e *Insquirã* caçavam e pescavam para a Sapa, eram muito trabalhadores. Um dia, quando ficaram mais crescidos, correram atrás do passarinho *paricuarú*, *cáchi-piráu*, este era encantado e cantou: "não fui eu que matei a mãe de vocês, foi a Sapa velha". Um dos irmãos perguntou se ouvira o canto, recebeu resposta afirmativa; os dois deixaram de perseguir o *paricuarú* e concordaram em matar a velha, cortando-lhe o pescoço. O primeiro deu um golpe de terçado, mas o pescoço da velha era duro e nem ficou ferido. A Sapa perguntou o que era aquilo, o rapaz então respondeu: "estou brincando com a senhora minha avó". O outro fez o mesmo que o seu irmão e também nada conseguiu. A velha fez-lhe a mesma pergunta e ele deu a resposta que o outro havia dado.

(6) Essas bebidas são tradicionais entre os Makuxi e nunca faltam nas ocasiões festivas.

(7) A matrilocalidade temporária foi respeitada.

(8) Nesta lenda a Sapa é avó, ao invés de mãe como na anterior.

Verificando que nada conseguiam usando terçado, os irmãos modificaram seu plano de eliminar a velha. Combinaram fazer uma roça e quando fôsem queimá-la, jogariam a Sapa no fogo. Julgando que ela iria explodir, construíram uma casa toda de paxiúba, para proteger-se. No dia marcado para a queima da roça, disseram à velha: "vovó, vamos queimar a roça". Ela retrucou: "eu também vou". A velha combinou com os filhos do Sol que gritaria na beira do roçado todos os nomes das plantas que cultivavam: milho, banana, cana-de-açúcar, mamão, batata, jerimu, melancia, melão, arroz, mandioca (9). Os dois irmãos fizeram uma estrada até ao meio da roça. A lenha era emburana, madeira que arde facilmente. Pediram à velha para atear fogo no meio do roçado. *Anêquê* e *Insquirã* se incubiram de colocar fogo na beirada. A velha, após fazer a sua parte, voltaria pela estrada. Mas, a emburana não faz labareda e quando a velha quis voltar estava cercada pelo fogo. Os dois irmãos entraram na casa que haviam construído. Quando a Sapa explodiu, pedaços de pedras incandescentes caíram em cima do abrigo, mas nada aconteceu aos filhos do Sol.



(9) Conservamos a ordem que o tradutor referiu.